

SIMPÓSIO TEMÁTICO : COLEÇÕES DE ARQUITETURA

A arquitetura brasileira na coleção de fotos de Robert C. Smith

José Pessoa

Professor Associado UFF

Pesquisador CNPq

Um dos principais pioneiros no estudo da arquitetura luso brasileira, o historiador da arte norte americano Robert Chester Smith (1912-1975), deixou o seu acervo em legado à Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa. Composto por textos publicados e inéditos, fichas de pesquisa, anotações, transcrição de documentos antigos, correspondências e muitas imagens em postais, fotografias, slides e negativos. Interessa aqui discutir as imagens reunidas por Robert Smith na perspectiva metodológica de construção de uma coleção de arquitetura e como essa serve de instrumental para o ofício do historiador da arte. Compreender esse acervo fotográfico, pretende ser a minha contribuição para o nosso debate do simpósio sobre “as coleções de arquitetura” e é o resultado do trabalho que venho desenvolvendo com a Professora Renata Malcher Araújo, da Universidade do Algarve, de identificação do acervo fotográfico relativo ao Brasil de Robert Chester Smith graças a uma bolsa de investigador estrangeiro da própria Fundação.

Palavras chaves: Robert Smith, Acervo Fotografico, Arquitetura luso-brasileira.

A arquitetura brasileira na coleção de fotos de Robert C. Smith

Um dos principais pioneiros no estudo da arquitetura luso brasileira, o historiador da arte norte americano Robert Chester Smith (1912-1975), deixou o seu acervo em legado à Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa. Composto por textos publicados e inéditos, fichas de pesquisa, anotações, transcrição de documentos antigos, correspondências e muitas imagens em postais, fotografias, slides e negativos. A análise desse acervo fotográfico, uma verdadeira coleção de arte e arquitetura luso brasileira é a minha contribuição para o nosso debate sobre “as coleções e a historiografia da arquitetura” e é o resultado do trabalho que venho desenvolvendo com a Professora Renata Malcher Araújo, da Universidade do Algarve, de identificação do acervo fotográfico relativo ao Brasil de Robert Chester Smith graças a uma bolsa de investigador estrangeiro da própria Fundação.

O material doado estava segundo o curador Dalton Sala organizado em caixas que aparentemente corresponderiam a uma classificação geográfica do mesmo, todavia a análise do acervo concluiu que “não havia qualquer critério aparente de organização deste material: seu estado de conservação era razoável mas a desorganização (resultado das diversas transferências que sofreu) não permitia o conhecimento e a localização de qualquer documento”¹. As fotografias que estavam dispersas entre os textos e foram passadas para caixas só de imagens organizadas também por critérios geográficos. Esta documentação passou a estar disposta em um total de 86 caixas, contendo provas, diapositivos e negativos.

Este conjunto de caixas constitui a coleção de fotografias de Robert Chester Smith (Coleção FCT001) que em sua maioria encontram-se em bom estado de conservação, e que podemos dividir em dois grandes núcleos: um núcleo identificado com Portugal e outro núcleo identificado com o Brasil. Este segundo núcleo é composto por 38 caixas contendo na totalidade ou parcialmente imagens relativas ao Brasil.

Iniciamos o levantamento deste espólio fotográfico em dezembro de 2009, especificamente tratando das imagens relativas ao Brasil, com o intuito de identificá-

¹ Dalton Sala, “O legado de Robert Chester Smith”, in *Robert C. Smith 1912-1975: A Investigação na História de Arte*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 117.

las objetivamente e fornecer os dados para a sua digitalização e catalogação. Encontramos um universo que gira em torno das 4.000/4.250 espécies, numero relativamente modesto se compararmos com as dimensões da coleção de slides sobre America Latina do professor Segre. Todavia, mesmo que a nossa expectativa inicial fosse de nos confrontar com um número maior de imagens, a quantidade em si destas não é desprezível, sobretudo para a época em que foram feitas, constituindo-se uma coleção de arquitetura brasileira de notável interesse.

Numa primeira classificação por temas, verificamos uma preponderância de imagens relativas a arquitetura religiosa, interesse que era comum aos historiadores da arte daquela época que estudavam os períodos coloniais e imperiais da arte brasileira. Na realidade essa é uma primeira classificação que ainda não trabalhou com o cruzamento das informações, pois os desenhos, gravuras e pinturas tratam preponderantemente de arquitetura civil.

Arquitetura Religiosa	1183
Desenho	400
Mobiliário	247
Arquitetura Civil	196
Gravura	187
Pintura	171
Escultura	45
Azulejos	34
Arquitetura Militar	26
Talha	24
Alfaias Litúrgicas	18
Urbanismo	13
Cartografia	6
Cerâmica	4
Documentos	3

Desenhos, pinturas e gravuras foram assim classificados, porque nos interessava evidenciar um aspecto pioneiro no trabalho de Smith que era o uso da documentação histórica para a sua análise de obras arquitetônicas.

Interessa aqui discutir as imagens reunidas por Robert Smith na perspectiva metodológica de construção de uma coleção de arquitetura e como essa serve de instrumental para o ofício do historiador da arte. As fotografias encontravam-se em sua grande maioria soltas em envelopes guardados nas caixas. Há porém uma parte destas organizada e colada em albuns traçando verdadeiros roteiros para a análise da arquitetura civil, e da arquitetura religiosa do período colonial, possivelmente um futuro livro sobre a arte colonial brasileira, em que as fotos teriam um papel fundamental na organização do argumento a ser desenvolvido.

Para os historiadores da arte contemporâneos de Robert Smith, a capacidade de montar uma coleção de imagens era fundamental para o desenvolvimento dos respectivos estudos. Ele mesmo escreveria isso em um dos seus relatórios de viagem ao Brasil: *“The work of the historian of art is dependent upon large quantities of good photographs. Without them the work which he produces is of little value, because he cannot prove satisfactorily his conclusions. In the United States and Europe great collections of photographs are available of most of the works of art from which the student can obtain copies to illustrate his findings. When not already existing, photographs can be readily commissioned. In Brazil it is extremely difficult to obtain good photographs. It is therefore essential for the investigator to be able to make his own.”*²

Para constituir o seu acervo de imagens brasileiras ele iria recorrer não só as suas habilidades como fotógrafo, mas também ao grupo de profissionais que comissionados pelo SPHAN vinham executando a partir da década de 1930 o inventário do patrimônio arquitetônico e artístico nacional. Estudioso estrangeiro, era fundamental que cada visita representasse um aumento no seu acervo de imagens de qualidade, para isso ele vai utilizar os serviços dos profissionais que o SPHAN também utilizava. Na verdade, é impossível compreender o acervo de Smith sem pensar nas relações de amizade e colaboração que este estabeleceu com os funcionários do Patrimônio. Será através deles que ele passaria a usar a rede de produtores de imagens do patrimônio brasileiro na época. Muitos eram imigrantes fugindo das dificuldades da Europa nos anos que precederam a segunda guerra: alemães, franceses e finlandeses como Erich Hess, Marcel Guatherot, Hans Peter

² Robert C. Smith, *A visit of nine Months to Brazil from July 1946 to April 1947*, Documento Dactilografado, Espólio Robert C. Smith, Acervo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

Lange, Paul Stille e Kasys Vosylius, que junto com os brasileiros Silvanísio Pinheiro, Harald Schultz vão documentar o patrimônio histórico e artístico nacional realizando um inventário de imagens que constitui a base do acervo do Arquivo Central do atual IPHAN. A compra por Robert Smith de cópias desse material faz da coleção dele uma espécie de espelho da coleção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e vice-versa³.

O próprio Robert Smith integrará o conjunto de fotografos do IPHAN. As suas qualidades como fotógrafo, somadas as suas relações de amizade e troca intelectual com os técnicos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fez com que este fornecesse ao Arquivo Central, inúmeras imagens de monumentos da Bahia, Rio de Janeiro e Pará, fotografados por ele nas décadas de 1940 e 1950. Do mesmo modo é recorrente encontrarmos na coleção de Robert Smith, imagens, sejam elas postais, fotos, cromos, enviados até o fim da sua vida por seus amigos brasileiros. Essas imagens não só representam a constante atualização do seu acervo como identificam o desenvolvimento do debate de idéias entre ele e diversos historiadores da arte brasileiros.

Há na escolha das imagens uma permanente perspectiva comparativa. Não só na comparação entre imagens brasileiras mas também na leitura da produção arquitetônica no Brasil dentro de um contexto cultural e territorial mais amplo envolvendo a metrópole, Portugal, e outras partes constitutivas do império como a Índia, a China e a África. É no contexto metodológico da comparação de formas e tipos que a coleção de Robert Smith faz especialmente sentido. Do conjunto geral de 86 caixas com imagens, a metade delas refere-se a Portugal, a outra quase metade diz respeito ao Brasil e o restante imagens de outros países europeus, especialmente Itália, e um grupo relativo ao mobiliário norte americano, um dos especiais interesses de Robert Smith. A arte produzida em Portugal e nos seus territórios de além mar também precisavam do necessário cotejamento com outras fontes européias como a Itália.

Analisando o tema dessas imagens relativa ao Brasil vimos que a maioria corresponde a arquitetura religiosa com as igrejas e conventos do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Espírito Santo, Sergipe, Alagoas e Paraíba.

³ Veja-se sobre este aspecto IPHAN, *A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar*/coord. Francisca Barbosa Lima, Monica Melhem e Oscar Liberal de Brito e Cunha. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2008.

Essa arquitetura é retratada no seu todo, fachadas e vistas gerais de naves, capelas-mor e sacristias, como no detalhe, da talha, das colunas, dos armários e das portas.

O segundo grupo é composto de fotografias de desenhos e gravuras obtidos em arquivos brasileiros, portugueses e estrangeiros, denunciando outro aspecto do método de trabalho de Robert Smith: *“Through the generosity of the American Embassy in Rio de Janeiro it was possible to photograph for the first time a great collection of diverse drawings and prints in the Biblioteca Nacional and the Library of the Ministerio de Relações Exteriores. This was done during a period of two weeks in the microfilm laboratory established by the former office of the coordinator of Inter-American Affairs. Among the material photographed are several dozen baroque European drawings from Italy, France, and Portugal, all of which seem to be unpublished; manuscript pictorial maps of Bahia, Rio de Janeiro, Mariana in Minas Gerais and Linhares in Espírito Santo; the maps and watercolors of the caminho dos itinerantes, an early 19th century atlas of land routes along the coast, watercolors of the town of Belem and the flora and fauna of Rio Negro by Freire and Codina made for the manuscript Viagem Filosófica of Alexandre Rodrigues Ferreira of the 1780’s, which was also microfilmed; 18th century pen drawings by Schwebel of the Amazonian missions; the unpublished second album of the Cartas Soteropolitanas compiled by Luiz dos Santos Vilhena in 1801; original drawings for 18th century Portuguese buildings for others in Angola; 19th century Argentine prints of great rarity; and a fine collection of 19th century Brazilian, including drawings by Moreau, Debret, and Rugendas, any many anonymous watercolors of landscapes, Indians, and the people of Rio de Janeiro. The original microfilm has been placed on deposit at the Library of Congress”⁴.*

Ele de fato, como já havia referido anteriormente, seria um dos pioneiros em utilizar a documentação histórica para o trabalho de análise da história da arte brasileira. Os remanescentes da arquitetura do passado são analisados em confronto com as imagens produzidas em gravuras e desenhos seis, sete e oitocentistas.

⁴ In Robert C. Smith, *A visit of nine Months to Brazil from July 1946 to April 1947*, Documento Dactilografado, Espólio Robert C. Smith, Acervo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

O terceiro tema de maior recorrência é o mobiliário. Este conjunto de fotos é marcado pelas relações de Robert Smith com colecionadores e antiquários brasileiros e estrangeiros.

O quarto tema a aparecer na nossa classificação é o da arquitetura civil. É importante esclarecer que a aparente contradição entre a quantidade de imagens definidas como arquitetura civil na nossa classificação, e a importância que o tema terá na obra dele, na realidade se desfaz quando verifica-se que a grande maioria dos desenhos e gravuras reproduzidos na coleção dizem respeito a imagens da arquitetura civil colonial brasileira.

Na pintura há também um conjunto razoável de reproduções fotográficas de quadros do período colonial e imperial, sobretudo os holandeses do século XVII e os artistas da corte portuguesa e brasileira no século XIX.

A arte moderna do século XX é representada por uma coleção significativa de reprodução de obras de Portinari e Lasar Segall. A escultura aparece prevalentemente representada pela imaginária barroca e em menor número pela obra dos artistas imperiais neoclassicos, seguida de imagens de azulejos, talha e alfaias litúrgicas e outras residuais de objetos de cerâmica.

Um outro olhar para a análise dessa coleção é o modo como as fotos registram a arquitetura. Aqui o paralelo entre o acervo fotográfico de Robert Smith e do Arquivo Central do IPHAN se repete. As fotos procuram isolar o objeto a ser fotografado procurando sempre ângulos neutros, com fachadas e vistas internas com enquadramentos frontais. Os detalhes arquitetônicos de janelas, portas, elementos escultóricos, retábulos, púlpitos são também registrado de frente e com enquadramento que procura isolá-los do contexto.

O mobiliário também recebe o mesmo tratamento com as tomadas frontais, os armários de sacristia, e visões dos conjuntos de cadeiras e mesas, e dos respectivos detalhes. Há uma verdadeira obsessão pelos diferentes padrões de ferragens dos arcazes.

Desenhos e gravuras são reproduzidos na sua totalidade original, todavia muitos deles também são fotografados detalhes para permitir melhor visibilidade de determinadas partes, quase sempre procurando isolar algum prédio de interesse arquitetônico. Raras são as legendas fotografadas em detalhe.

Essa padronização configura uma prática que reafirma o tratamento comparativo que será utilizado na produção de Robert Smith. Um exemplo interessante é o enquadramento idêntico dado a armários e portas, resultando na análise desenvolvida em um celebre artigo de Smith. Por outro lado, essa padronização dos enquadramentos vai de encontro aos procedimentos de padronização dos inventários arquitetônicos que o IPHAN vinha experimentando na mesma época. Há portaria de janeiro de 1948 do Diretor Geral do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, que dava instruções de como deveriam ser colhidas as fotografias de monumentos, obras arquitetônicas, pintura, escultura e arte aplicada, para o fim de respectivo inventário. O texto diz-se expressamente que no exterior, o conjunto deveria visto de uma certa distância; dever-se-iam registrar as fachadas principal e posterior (no caso de construção entalada) e laterais nos demais casos, assim como pormenores de interesse e esquadrias quando antigas, deveriam sempre se apresentar fechadas. Há indicação expressa que não deviam figurar pessoas nem animais. No interior da arquitetura civil os espaços a ter em conta eram o saguão, as escadas, o salão principal, os oratórios ou capelas, as varandas e cozinhas. Na arquitetura religiosa, as indicações de tomadas de interior vão para a capela mor, o altar mor, a visão da nave de frente para a capela e de frente para o coro, os altares colaterais, o coro, na sacristia o lado do arcaz e o lado do lavatório, e os forros dos principais ambientes.

Ora, tanto no IPHAN como na coleção de Smith o que pode compreender é que essa padronização de enquadramentos vai de encontro a uma metodologia de base formalista da História da Arte, na qual o estabelecimento de tipologias estilísticas é resultado da comparação de formas padronizadas no modo com que são registradas. A visualização repetida dos elementos permitia estabelecer as séries tipológicas e a partir destas, reconstituir as suas “famílias”, traduzidos no acervo de Smith num verdadeiro mostruário de elementos da arte decorativa dos retábulos e da talha de revestimento de naves e arcos cruzeiros; exemplos de arcazes e armários de sacristia; e muitas e muitas portas de conventos, igrejas e da arquitetura civil numa coleção imensa e variada de desenhos de cercaduras e portas almofadas. Terá sido a partir dessas imagens que Robert Smith estabeleceu suas deduções, comparando desenhos e fotos, num imenso jogo da memória, conectando as diversas regiões brasileiras entre si e Portugal.

As vistas urbanas não são objeto de um grande número de fotos, mas se tornam bem mais expressivas quando contabilizamos as reproduções dos viajantes do século XIX. Elas compõem uma considerável coleção do arranjo e da paisagem das cidades brasileiras nos séculos XVIII e XIX, todavia é bastante claro que a cidade é lida por Smith essencialmente pela sua arquitetura, haja visto a grande quantidade de ampliações que individualizam edifícios nos panoramas do Rio de Janeiro de Iluchar Desmons, ou nos do Recife de Emil Bauch. A imagem da cidade registrada quer nas gravuras do século XIX, como na pintura de Frans Post sobre o Pernambuco do século XVII, serve como fonte para individualizar tipologias de sobrados e igrejas, e compará-los com exemplares ainda existentes registrados nas suas fotos. Se por um lado a percepção da cidade se reduz a uma enorme coleção de tipos arquitetônicos, por outro, o seu insistente recurso em usar a iconografia histórica fazendo desta uma ferramenta para a caracterização das tipologias é um inovador sistema analítico para seus contemporâneos e que ainda não completamente incorporado pelos historiadores atuais da arquitetura brasileira colonial.

Trabalhar na identificação das imagens da coleção de Robert Smith nos repropõe o desafio de estabelecer uma análise formalista que permite compreender os nexos entre os tipos retratados e conseqüentemente localizá-los no tempo e no espaço. Uma dificuldade nesse processo de identificação é o de que muitos dos instantâneos registrados por Smith são o retrato dos edifícios antes das restaurações empreendidas pelo IPHAN, isto é, fora ainda das formas que a história da arte e as ações de preservação iriam conceder e cristalizar.